

Maurício Dottori

Universidade Federal do
Paraná - UFPR

Email: m.dottori@gmail.com

Edição de Diálogos no Cinema, de Débora Opolski: a fala cinematográfica como um elemento sonoro

*Editing Dialogues in Cinema:
cinematic speech as an element
of sound*



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

*Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução*

ISSN: 2175-8689

DOTTORI, M. Edição de Diálogos no Cinema, de
Débora Opolski: a fala cinematográfica como um
elemento sonoro. **Revista Eco-Pós**, v. 25, n. 1, p.
482 - 487, 2022. DOI:
10.29146/ecops.v25i1.27872.

RESUMO

Resenha de Débora Opolski, *Edição de Diálogos no Cinema: a fala cinematográfica como um elemento sonoro* (Curitiba: Editora UFPR, 2021). O importante livro de Opolski trata de diálogos como elemento do design do som no cinema. Discute, num amplo movimento estético, histórico e técnico, as discontinuidades causadas às falas no processo de edição cinematográfica; os fatores vocais, prosódicos e estruturais presentes nos diálogos cinematográficos que afetam o estabelecimento de personagens e de uma narrativa; e, por meio de diversas análises de filmes recentes brasileiros, aponta virtudes a serem replicadas e deficiências, pela fragmentação dos diálogos, a serem evitadas em produções futuras. É um livro que deve influenciar cineastas no futuro próximo e, ao mesmo tempo, muito interessante para cinéfilos que queiram ampliar sua compreensão do design de som.

PALAVRAS-CHAVE: *Falas em filmes; Design de som no cinema; Fragmentação do diálogo na edição de filmes.*

ABSTRACT

Review of Débora Opolski, *Editing Dialogues in Cinema: cinematic speech as an element of sound* (Curitiba: Editora UFPR, 2021). Opolski's important book deals with dialogues as an element of the design of sound in cinema. It discusses, in a broad aesthetic, historical and technical sweep, the discontinuities caused to the utterances by the process of film editing; the vocal, prosodic and structural factors present in the cinematographic dialogues that impinge themselves upon the establishment of characters and of a narrative; and, by means of several analyses of Brazilian recent movies, it points to virtues to be replicate and deficiencies, by fragmentation of the dialogues, to be avoided in future productions. It is a book that ought to be influential upon forthcoming cinema-makers. At the same time, it may be a very interesting one to film enthusiasts who may want to broaden their understanding of sound design.

KEYWORDS: *Movie vocal utterances; Sound design in cinema; Dialogue fragmentation by edition in film-making.*

Submetido em 04 de maio de 2022

Aceito em 27 de maio de 2022

Livros que, potencialmente, podem alterar o modo como se faz arte são raros. De imediato, lembro-me da discussão dos elementos que constituem a música — a formação dos acordes e seu ordenamento —, no *Tratado de Harmonia* de Rameau, ou dos que constituem as artes visuais em *Ponto, Linha, Plano* de Wassily Kandinsky. Parece-me também o caso deste livro que ora resenho. No entanto, como uma das características do cinema é que é uma arte que reúne *todas* as outras, desde que possam ser apresentadas em duas dimensões (a possibilidade de filmar-se em três dimensões não permite, ainda, que aspectos da arquitetura e da escultura sejam incorporadas ao cinema), os elementos cinematográficos são variadíssimos e muitas vezes tendem a ser estudados em separado. Em especial à fotografia e seus planos, à estrutura narrativa e à música são dedicados muitos livros em que são analisados e discutidos isoladamente, enquanto outros aspectos, como os teatrais ou a sonoplastia, recebem menor interesse.

O livro recente de Débora Opolski, *Edição de Diálogos no Cinema: a fala cinematográfica como um elemento sonoro* (Curitiba: Editora UFPR, 2021), se endereça a um destes aspectos menos freqüentes, discutido por uma profissional e pesquisadora com vivência e imersão no cinema contemporâneo cuja ideologia estética deriva do padrão hollywoodiano, mas que se afirma na produção nacional, no contexto da retomada do cinema brasileiro neste século. É o segundo livro de Débora, depois de *Introdução ao desenho de som*, publicado pela editora da Universidade Federal da Paraíba em 2013. Débora é professora da Universidade Federal do Paraná, e trabalhou na edição de som de *Dois filhos de Francisco* (2005), *O cheiro do ralo* (2006), *Tropa de elite* (2007), *Tropa de elite II* (2010), *Tentei* (2017) e *A mesma parte de um homem* (2021), entre outros. Recebeu vários prêmios, desde melhor trilha sonora original para o curta *A poeira dos pequenos segredos*, até os de melhor som para longa-metragem para *Ensaio sobre a cegueira*, *Tropa de Elite I e II*, *As melhores coisas do mundo*, *Ensaio sobre a cegueira* e *O ano em que meus pais*

saíram de férias, prêmios dados pela Associação Brasileira de Cinematografia, pela Academia Brasileira de Cinema e por diversos festivais.

Débora discorda do senso comum que põe a centralidade da visão como o principal sentido ao qual o cinema se dirige, igualando-a ao *sound design*, do qual, crê, a voz falada é parte integrante, e o demonstra em quatro passos. Em primeiro lugar, discute a produção da fala cinematográfica e a artificialidade que a fragmentação ocasionada pela montagem das imagens pode dar origem ao desorganizar os índices que tornam precisos os sentidos das falas. Nisto afirma-se já a importância deste livro: os exemplos escolhidos (indicados pela minutagem para que possamos voltar a eles) são, em sua imensa maioria, de filmes nacionais; como as miudezas dos sentidos da voz falada perdem-se quando nos confrontamos com qualquer língua que não seja a nossa, Débora é capaz de colher, na produção nacional, infinitas sutilezas e nos alertar para elas. Deste modo, discute a verdade da fala cinematográfica, que vai — na busca do que aparenta ser o bom, o justo e o belo na voz e na fluência no discurso de um personagem— desde a verossimilhança aristotélica até o conceito de fonogenia de Michel Chion (definida por analogia à fotogenia), como construção de um remédio, que toma sempre a forma de uma estilização, para a fragmentação da performance vocal causada muitas vezes pela montagem cinematográfica.

O segundo capítulo trata, primeiramente, da voz falada no cinema em seus aspectos históricos, mas também, com grande agilidade, passa a aspectos estéticos e técnicos, que em arte são profundamente interligados. A história caminha dos primórdios do cinema sonoro até a produção contemporânea, em que o verossímil se confunde com o espontâneo.

Uma profunda análise dos fatores que compõem o diálogo cinematográfico é o assunto do terceiro capítulo, a meu ver o mais importante. Nele se esmiuçam, segundo a literatura e segundo a experiência pessoal de Débora, as especificidades da fala cinematográfica: da espontaneidade dos dialetos regionais às projeções e sobreposições do que é dito, que caracterizam personagens e narrativas dentro da

diegese dos filmes. Afinal, alcança a prática propriamente artesanal da edição de diálogos no contexto do *design* do som, para que — dentro da tradição do cinema hollywoodiano, ou a contestando caso seja do interesse — se possam modelar, numa unidade *consistente*, os personagens, as cenas e as narrativas. Aqui se juntam os conhecimentos sobre produção vocal, prosódia, e estrutura dos diálogos para a construção apropriada dos personagens e para a comunicação da história que se conta.

O quarto e último capítulo é uma extensa, minuciosa análise de diálogos na produção brasileira contemporânea. Fundamental enquanto crítica à produção recente, aponta virtudes a serem replicadas e falhas, por fragmentação, a serem evitadas na produção futura. Aqui se analisam a fragmentação entre som e imagem: pela falta de compatibilidade entre o corpo emissor visível e o som, quer dizer, pelas diferentes profundidades das perspectivas percebidas entre a imagem e a expressão sonora; na conexão entre frases em um discurso, porque o corpo emissor da voz está ausente da imagem e se percebe uma falta de continuidade prosódica entre distintas falas de um personagem; e na continuidade entre as palavras (ou mesmo sílabas) em seus detalhes, por exemplo nos fins de frases que, partes de um discurso mais longo, precisaram ser truncadas, ou quando, pela mudança de um plano imagético para outro na montagem, frases diversas sofrem uma solução da continuidade, de modo que sons sucessivos de uma mesma frase derivam de diferentes tomadas sonoras. O capítulo é ilustrado com imagens que demonstram as afirmações feitas nas análises, facilitando sua compreensão.

Se há uma mínima crítica a fazer-se ao belíssimo trabalho de Débora Opolski é que, resultante de uma tese de doutorado, em alguns raros pontos reflete ainda, residualmente, a retórica que permeia trabalhos acadêmicos, em especial no modo como cita a bibliografia. Mas este é um reparo quase insignificante. O livro interessa, não tenho dúvidas, a cinéfilos em geral que queiram elevar o patamar de sua capacidade de percepção do *design* de som no áudio-visual. Porém, pela profundidade da pesquisa e pela qualidade do debate, é uma contribuição brilhante à teoria do cinema que fará com que diretores, editores de som e até mesmo atores,

Dossiê **Audiovisualidades contemporâneas e interfaces sonoras** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 1, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i1.27872

percebam a importância dos aspectos sonoros das falas cinematográficas para que estas sejam ancoradas na narrativa, evitando com consciente propriedade as fragmentações nos discursos que se apresentam ao espectador.

Referências bibliográficas:

OPOLSKI, Débora. *Edição de Diálogos no Cinema: a fala cinematográfica como um elemento sonoro*. Curitiba: Editora UFPR, 2021

Maurício Dottori

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Professor Titular da Universidade Federal do Paraná. Graduado em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1984), mestre em Artes pela Universidade de São Paulo (1991) e Doutor em Música (PhD) pela University of Wales, Cardiff (1997). É compositor de formação, com intensa produção, simultaneamente pesquisando Processos Cognitivos relacionados à Criação Musical. Publica também em Musicologia, havendo pesquisado principalmente a música colonial brasileira, e a música sacra do barroco napolitano, Davide Perez e Nicolò Jommelli. Foi membro fundador e presidente da Associação Brasileira de Cognição e Artes Musicais. É regente da Nova Camerata, grupo curitibano especializado em música contemporânea. Venceu o Prêmio Funarte de Composição Musical em todas as suas quatro edições. Em 2018-19 Professor Visitante na Universidade de Bolonha. E-mail: m.dottori@gmail.com